

# JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA

## Nenhum Caminho será Longo

PARA UMA TEOLOGIA DA AMIZADE





JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA

# Nenhum Caminho será Longo

Para uma Teologia da amizade



# POÉTICAS DO VIVER CRENTE

COLEÇÃO

O termo «poéticas» remete para um duplo domínio: o da experiência e o da linguagem. Antes de tudo a Fé descreve-se como experiência e é no processo complexo do viver que ela se constrói. Mas a experiência crente aspira a uma linguagem que a traduza e a amplie, conservando intactas as margens do indizível.

*Coordenação da coleção:* José Tolentino Mendonça

---

|                                |                                    |
|--------------------------------|------------------------------------|
| <i>Capa</i>                    | Departamento Gráfico Paulinas      |
| <i>Pré-impressão</i>           | Paulinas Editora – Prior Velho     |
| <i>Impressão e acabamentos</i> | Artipol – Artes Tipográficas, Lda. |
|                                | Águeda                             |
| <i>ISBN</i>                    | 978-989-673-260-8                  |

© Outubro 2012, Inst. Miss. Filhas de São Paulo  
Rua Francisco Salgado Zenha, 11  
2685-332 Prior Velho  
Tel. 219 405 640 - Fax 219 405 649  
e-mail: [editora@paulinas.pt](mailto:editora@paulinas.pt)  
[www.paulinas.pt](http://www.paulinas.pt)

SEM VALOR COMERCIAL

«Ao lado do teu amigo,  
nenhum caminho será longo.»

*Provérbio japonês*

\*\*\*

Um amigo, por definição, é alguém que caminha a nosso lado, mesmo se separado por milhares de quilómetros ou por dezenas de anos. Um amigo reúne estas condições que parecem paradoxais: ele é ao mesmo tempo a pessoa a quem podemos contar tudo e é aquela junto de quem podemos estar longamente em silêncio, sem sentir por isso qualquer constrangimento. Temos certamente amigos dos dois tipos. Com alguns, a nossa amizade cimenta-se na capacidade de fazer circular o relato da vida, a partilha das pequenas histórias, a nomeação verbal do lume que nos alumia. Com outros, a amizade é fundamentalmente uma gran-

de disponibilidade para a escuta, como se aquilo que dizemos fosse sempre apenas a ponta visível de um maravilhoso mundo interior e escondido, que não serão as palavras a expressar.

\*\*\*

A amizade é uma roda que se alarga como aquelas pedras que na infância atirávamos para o lago e nos fascinavam a desenhar, na água, círculos cada vez maiores.

\*\*\*

A cada hora somos visitados e, desse reconhecimento, depende a paz do nosso coração, depende o vigor da nossa esperança. A amizade é a aceitação de que Deus nos visita através do que nos é próximo. Com os amigos construímos uma história que é sagrada, mesmo se a nossos olhos parece apenas feitas de coisas simples e muito humanas. Depende muito do que estamos dispostos a acolher quando acolhemos os outros.

\*\*\*

O acento da nossa cultura está de tal modo colocado sobre o amor, que nos sentimos muitas vezes sem recursos para pensar devidamente as formas e o lugar da amizade. Falamos dela com monossílabos, de modo evasivo e chão, como se não fôssemos afinal herdeiros de um património de experiência, de ensinamento e de palavra multisseculares. Ora, se há motivo que o cristianismo aprofundou no tempo é o da amizade, e entendendo-a não apenas como componente da formação humana, mas como traço privilegiadíssimo do itinerário espiritual.

\*\*\*

Para a definição do nosso caminho espiritual é importante percebermos a diferença entre o amor e a amizade. Com muita facilidade adoptamos o vocabulário do amor, que corre o risco de tornar-se uma gramática sonâmbula. Dizemos «amo» sem que isso traga um estremecimento qualquer. Importa pensar no que dizemos, quando dizemos que amamos a Deus. O modelo da amizade pode ajudar-nos a perceber melhor a nossa relação com

Deus. A amizade é uma forma mais objectiva, mais concretamente desenhada, porventura mais possível de ser vivida.

\*\*\*

Pensemos naquilo que a experiência de amizade traz de iluminante para estruturar a nossa relação com Deus: a aceitação do outro, o reconhecimento sereno dos limites, a diferenciação, a ausência de domínio, a liberdade, a gratuidade, a pura contemplação, o não reter, a percepção de que o outro é passagem na minha vida e passagem que, por dentro, me fecunda. Os amigos estão interessados no concreto, no pormenor, na pequena escala, no relato simples, no inútil aparente, no correr indiferenciado do tempo, na espuma dos dias.

\*\*\*

É importante recuperarmos alguma da história do pensamento em torno a amizade até para percebermos que tantas questões que vivemos à nossa escala ligam-se, no fundo, a problemas universais. Que se pode dizer da amizade? Qual é mesmo o seu

idioma? Como se constrói e desconstrói? A amizade é sempre um bem?

\*\*\*

Jesus tinha com o grupo dos Doze discípulos uma relação de amizade. Quem é, por isso, o «discípulo amado», referido dessa forma unicamente pelo Evangelho de João? Não o sabemos, porque ele permanece anónimo, constituindo uma espécie de enigma que o Evangelho guarda. Nunca se diz o seu nome, mas enunciam-se relatos e detalhes de afeto a seu respeito e, por eles, percebemos que o «discípulo amado» é um «discípulo amigo».

\*\*\*

Se calhar, houve um tempo na relação dos discípulos com Jesus em que a palavra «servos» ou mesmo a palavra «discípulo» era apta a descrever o que viviam. Porém, é o próprio seguimento de Jesus que pede que elas sejam suplantadas. Agora só a palavra «amigo» vale para descrever alguém que segue Jesus, porque o próprio Jesus nos funda numa relação de conhecimento e de reconhecimento de tudo aquilo que Ele ouviu do Pai.

\*\*\*

Muitas vezes o nosso conflito e a nossa dor nascem deste impasse: por um lado, não somos capazes das linhas de continuidade que idealizamos e, por outro, não estamos muito preparados para valorizar, de um ponto de vista espiritual, as modificações permanentes pelas quais passamos.

\*\*\*

Há um fazer que está em diálogo com o dom, há outro porém que nos faz esquecer o sentido e o sabor da dádiva. Há um fazer que é só fazer, e há outro que nos torna mais capazes de acolher. Não estar apenas preocupado em dar, mas também em sintonizar com o dom.

\*\*\*

Aceitando comer e beber com os pecadores, Jesus está a infringir o poderoso sistema de pureza. Mas a verdade é que o gesto de Jesus não é apenas de rutura, mas de afirmação de uma nova experiência de Deus. Na linha da abrangência universalista do banquete messiânico que os profetas

projetaram para o futuro, Jesus reivindica para o seu hoje uma vivência religiosa que vá além do reforço da legalidade, promovendo que os excluídos regressem à amizade de Deus.

\*\*\*

Há um provérbio que diz: «Viver sem amigos é morrer sem testemunhas.» Os amigos trazem à nossa vida uma espécie de atestação. Os amigos sabem o que é para nós o tempo. Eles testemunham que somos, que fizemos, que amamos, que perseguimos determinados sonhos e que fomos perseguidos por este ou aquele sofrimento. E fazem-no não com a superficialidade que, na maior parte das vezes, é a das convenções, mas com a forma comprometida de quem acompanha. O olhar do amigo é uma âncora.

\*\*\*

É sempre uma sede de liberdade que nos acorda para o gratuito. E não uma liberdade disto e daquilo. Eu diria: é antes, uma pura liberdade de ser, de sentir-se vivo; uma expansão da alma, não condicionada pela avareza das convenções; uma urgên-

cia não de dons, mas de dom. Hoje, por exemplo, uma amiga procurou-me para que eu lhe indicasse um voluntariado. Ela nem tem muito tempo, dedicada a um emprego absorvente e complexo, com os filhos numa idade em que dependem muito dela. «Talvez só possa dar duas horas de quinze em quinze dias» – disse-me. E eu retorqui-lhe, sorrindo: «Duas horas podem ser uma imensidão.»

\*\*\*

Abraçar a imperfeição é aceitar a amizade como uma história ainda em aberto, que conta ativamente connosco. Na imperfeição é sempre possível começar e recomeçar. A imperfeição permite-nos compreender a singularidade, a diversidade, o real impacto da passagem do tempo em cada um. É verdade que as nossas fragilidades dão-nos também a ver as nossas singularidades. E é o impacto da fragilidade em nós que mostra a nossa realidade mais profunda, mostra a vida de Deus e os seus vestígios em nós.

\*\*\*

A alegria é expansão pessoalíssima e profunda. Não há duas alegrias iguais, como não há duas lágrimas ou dois prantos iguais. A alegria é uma gramática singular. Por um lado, tem uma expressão física, mas, por outro, conserva uma natureza evidentemente espiritual. A alegria, se quisermos, é uma provocação do espírito que nos abeira do milagre.

\*\*\*

Só quem nos ama pronuncia corretamente o nosso nome, sabe o seu significado até ao fim, está apto a nomear o nosso mundo na sua complexa e enigmática inteireza. Só quem nos ama é capaz de ver-nos como realmente somos: esta mistura apaixonada e contraditória, esta aventura conseguida e, ainda assim, inacabada, esta pulsão de nervos e de alma, de opacidade e vislumbre.

\*\*\*

A confiança não vive de uma imagem estática ou aprisionada do outro. Ter confiança é admitir a possibilidade de mudança, de viragem, de desloca-

ção e, num certo sentido, também de “traição”. É claro que cada vez que a traição se desenha, ela surpreende e fere, precisamente porque ocorre dentro de um espaço de confiança.

\*\*\*

A verdadeira amizade transfigura e amplia a nossa humanidade, dá-nos competências afetivas, estimula-nos a abrir o círculo, a fazer mais, a ser melhor. A amizade inspira-nos a desmontarmos, inclusive, a lógica da inimizade, como nos desafia Jesus: «Ouvistes o que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, digo-vos: Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem.»

\*\*\*

Uma coisa é entender, na amizade, a confiança como um abandono mágico à benevolência ou à proteção do outro. Esse é um estádio insuficiente, que somos chamados a transcender. Outra, mais adulta espiritualmente, é compreender que a vulnerabilidade integra o dinamismo da própria confiança. A vida é polifónica, é um horizonte de múl-

tiplos trânsitos, muitos deles inacabados e imperfeitos, é um trânsito de encontros e reencontros, de feridas e de reconstruções. As amizades mais fortes são as que aceitam os seus caminhos frágeis, as suas costuras humildes.

\*\*\*

A solidão tem um sentido ambivalente. Tanto pode nomear uma experiência de labirinto, de humilhação e ausência extrema como constituir o *habitat* buscado para um encontro mais profundo consigo mesmo, com os outros, com Deus. A solidão não é ela também uma porta? Não se revela, às vezes, no mais silencioso isolamento, uma visão inesperada?

\*\*\*

A despedida talvez seja a parte mais difícil da amizade. Não se pode dizer muita coisa. Acho que aprendemos devagar, por vezes com muito custo, por vezes mais serenamente, e ambas as coisas estão certas. Aprendi alguma coisa sobre a arte da despedida com o poeta italiano Tonino Guerra e a sua mulher. Parece que é uma tradição russa (ou

pelo menos, eles explicavam-na assim). Antes de partir, ficávamos junto uns dos outros, por uns instantes, em puro silêncio. E, depois, despedíamos-nos de um modo leve, quase alegre, como se não nos fôssemos realmente ausentar. Aqueles instantes de silêncio, porém, tinham atado os nossos corações com uma força que raras palavras teriam. Quando, nas despedidas da vida, nos parece que ficou, inevitavelmente, alguma coisa ou quase tudo por dizer, é bom pensar naquilo que o silêncio disse, ao longo do tempo, de coração a coração.

\*\*\*

Alguns amigos tornam-nos herdeiros de um lugar, outros de uma morada, outros de uma razão pela qual viver. Certos amigos deixam-nos o mapa depois da viagem, ou o barco em qualquer enseada, oculto ainda na folhagem, ou o azul desamparado e irresistível que lhes serviu de motivo para a demanda. Há amigos que iniciam-nos na decifração do fogo, na escuta dos silêncios da terra, no entendimento de nós próprios. Há amigos que nos conduzem ao centro de bosques, à geografia de cidades, ao segredo que ilumina a penumbra do templo, à bondade de Deus.

**JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA**

é uma das vozes originais do Portugal contemporâneo. Especialista em Estudos Bíblicos, tem abordado com rigor e criatividade os temas e os textos do cânone cristão, mantendo um diálogo sensível com as interrogações do presente. A relação entre o Cristianismo e Cultura é uma das ideias-chave do seu percurso. Passou o ano académico de 2011-12, como *Straus Fellow*, na New York University, integrando uma equipa de investigadores-convidados, empenhados no estudo do tema «Religião e Espaço Público». É o responsável nacional pela Pastoral da Cultura e, recentemente, foi também nomeado Consultor do Pontifício Conselho para a Cultura, no Vaticano. Além de ensaísta, tem uma obra poética que muitos reconhecem entre as mais marcantes do panorama atual. Os seus livros conhecem um grande sucesso em Portugal e são cada vez mais traduzidos internacionalmente.

# POÉTICAS DO VIVER CRENTE

## COLEÇÃO

O Tesouro Escondido

*Para uma arte da procura interior*

JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA

A Caridade Dá Que Fazer

*Redescobrimo a atualidade*

*das «Obras de misericórdia»*

LUCIANO MANICARDI

Atravessar a Própria Solidão

*Chamamento à vida espiritual*

CARLOS MARIA ANTUNES

O Bispo, Servidor da Esperança

*Viver a missão como profecia*

JOSÉ MANUEL CORDEIRO

Pai-nosso Que Estais na Terra

*O Pai-nosso aberto a crentes*

*e a não-crentes*

JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA

Os Beijos Não Dados

Tu és Beleza

*A amizade é a mais*

*importante viagem*

ERMES RONCHI

O Evangelho da Beleza

*Entre Bíblia e Teologia*

ANTÓNIO MARTO · GIANFRANCO

RAVASI · MARKO IVAN RUPNIK

O Sopro da Vida Interior

*A oração como experiência*

*de misericórdia*

JOAN CHITTISTER

## SEGUNDA SÉRIE

### LINHAS DE RUMO

O Que é o Homem?

*Sentimentos e laços humanos na Bíblia*

GIANFRANCO RAVASI



*Ao lado do teu amigo,  
nenhum caminho  
será longo.*

